

BRASIL 500 ANOS: MEMÓRIA, TEOLOGIA E ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

*Ênio José da Costa Brito
Coordenador do Curso de
Estudos Pós-Graduados em
Ciências da Religião PUC/SP
e professor das Faculdades
Associadas do Ipiranga
(FAI). Palestra proferida na
III Semana de História da
Igreja do ITESP, Brasil 500
anos: Descobrimento, inva-
são ou ocultamento? reali-
zada de 10 a 14 de maio de
1999.

Ênio José da Costa Brito*

Resumo:

Tendo presente a verdadeira avalanche de publicações proporcionada pela passagem dos 500 anos da chegada dos europeus ao Brasil, o a. realça o significado dos estudos da História para a elaboração da reflexão teológica contemporânea. Num primeiro momento chama a atenção para as dificuldades na motivação dos estudos em história, apesar da evidente importância. Delineia os critérios hermenêuticos de uma pesquisa historiográfica tendo como referência a realidade brasileira. Conclui com um exemplo de memória crítica.

Chaves:

História: teologia; História: hermenêutica; Brasil: estudo afros. Historiografia.

INTRODUÇÃO

A proximidade dos 500 anos tem-se mostrado pretexto para inúmeras iniciativas. O mercado editorial brasileiro e o português têm aproveitado muito bem da data, publicando livros relacionados com o tema e reeditando obras fundamentais.

Em Portugal, dois livros estão em fase de preparação: um reunirá 14 textos sobre a viagem de Pedro Álvares Cabral e o outro, cinco documentos sobre a vinda de Tomé de Souza, o fundador de Salvador¹.

Atualmente, o público de Salvador está podendo ver, no Museu de Arte Sacra da Bahia, a exposição intitulada *Estórias*

1 Cf. J. RATTNER, "Páginas escritas há 500 anos". Em E. S. P. — Caderno Cultura (25/04/1999) p. 2.

de Dor, Esperança e Festa — O Brasil em ex-votos portugueses (séculos XVII — XIX). A exposição faz parte dos festejos dos 500 anos. São 57 pranchas em madeira e tela recolhidas em 32 cidades, vilas e aldeias de Portugal. A exposição celebra as esperanças, os medos e as angústias de pessoas simples, em geral emigrantes que se tornaram navegadores, que ao passarem por experiências marcantes (tempestades, naufrágios, doenças, graças especiais, etc.) tinham o hábito de encomendar uma pintura (ex-votos) para ser exposta em igrejas e sacristias².

No Centro Cultural Vergueiro, em São Paulo, a exposição *Vasco da Gama e as Viagens Portuguesas*, homenageia, também os 500 anos. São 53 cartazes, mapas e textos que mostram a rota do navegador português.

A celebração dos 500 anos, certamente, não ficará reduzida a seu caráter festivo, já que uma *rememoração do passado* não consegue desgarrar-se de uma associação com o presente e de uma expectativa no futuro.

Acredito que teólogos(as) não podem deixar passar em branco a oportunidade para repensar as relações entre os estudos teológicos e os estudos históricos. Este texto relembra, primeiramente, a importância das mediações históricas para os estudos teológicos, para apresentar, em seguida, alguns critérios para o estudo das questões afro-brasileiras

1. AS MEDIAÇÕES HISTÓRICAS

Estou cada dia mais convencido de que sem uma boa base histórica não se faz uma teologia séria. Como elaborar teologia sem as mediações históricas³. Se esta tese é válida, e acredito que sim, os Institutos Teológicos têm de se perguntar:

1. Como resgatar ou melhor como despertar o gosto pelo conhecimento e leitura históricas? Constata-se com frequência uma falta de sensibilidade histórica acompanhada de um quase desconhecimento dessa área de estudos. Isto reflete-se, por exemplo, na recepção dos textos históricos que são homogeneizados.
2. Como ampliar o interesse pela pesquisa histórica? Sabemos que *a preocupação pela pesquisa documental, com a descoberta e análise de fontes manuscritas e orais... ampliaram bastante nosso conhecimento [por exemplo] sobre os quilombos em várias regiões do Brasil e apontam para uma complexa relação entre os fugitivos e os diversos grupos da sociedade em torno deles*⁴.

2 R. NOGUEIRA, "Salvador vê ex-votos de emigrantes". Em F. S. P. (22/04/1999).

3 Cf. E. J. C. BRITO, "A Efetividade histórica do escravo". Em LUMEN, 4 (1999) p. 156.

4 J. J. REIS — F. S. GOMES, *Liberdade por um fio. História dos Quilombos no Brasil*. São Paulo, Cia das Letras, 1996.

3. Como criar o hábito de ir às fontes? Como usá-las bem? Para isto, faz-se necessário compreender a estrutura da documentação, suas possibilidades e riqueza. A título de ilustração poderíamos indicar duas fontes históricas : os relatos dos Viajantes e as fontes eclesiásticas. Os relatos dos Viajantes da primeira metade do séc. XIX, como Debret, Jean Baptiste, Denis, Ferdinand, Koster, Henry, Rugendas, Johann Moritz *são escritos plenos de sentidos aos quais se deve prestar atenção. Racistas, freqüentemente incapazes de compreender (e aceitar muito menos) uma imagem que não fosse um reflexo da iluminada Europa...*⁵

5 Cf. J. R. GÓES, *O cativo imperfeito. Um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX*. Vitória, Lineaut, 1993, p. 28.

Daí a pergunta, como tratar este tipo de fonte? O importante, na análise de seus escritos é saber bem discernir onde se encontram os julgamentos morais e os preconceitos culturais de que eram portadores, e onde se pode encontrar aspectos significativos de realidades passadas⁶.

6 Ibidem.

No âmbito das fontes eclesiásticas, podemos apontar o *Livro de Batismos de escravos da Freguesia de Inhaúma (1816-1844)*, que se encontra no Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro. Nas 233 páginas estão registrados 1589 batizados, sendo 1148 de crianças.

O registro de batizado de Anastásia abre o livro. O vigário Mariano assim anotou:

Anastásia crioula. Aos quinze dias do mez de Dezembro do anno de mil oitocentos, e desasseis, nesta Parochial Igreja de Santiago de Inhauma baptizei, administrei os Santos Olleos a innocente Anastásia crioula. Filha legítima de Francisco preto de nação, e de sua mulher Maria crioula todos escravos de Felizardo Dias de Carvalho, morador no sítio de Bonsucesso termo desta freguesia: nasceo esta innocente aos sete dias do corrente mez: foi padrinho Modesto crioulo, escravo de Franscisco Braga, o que para constar fiz este assen- to que assignei

Mariano Joaqm. Fonca, Amal.

Vigo. Encomendado

Um livro de Registros de Batismos apresenta-se como um autêntico criptograma a ser decifrado com astúcia e habilidade. O vigário Mariano ao fazer suas anotações sem o saber estava escrevendo um livro da maior importância para o resgate da memória histórica dos escravos e escravas. Uma leitura atenta do registro de Anastásia revela informações importantes:

1. Anastásia foi batizada antes de completar um ano *nasceo esta innocente aos sete dias do corrente mez;*

2. Teve um padrinho escravo (Modesto) que não pertencia ao mesmo plantel de seus pais (No livro 90.6% dos padrinhos foram escravos ou ex-escravos);
3. Não teve madrinha (apesar das recomendações do Concílio de Trento);
4. Seus pais eram casados *filha legítima de Francisco preto de nasção e de sua mulher Maria crioula*⁷.

7 Cf. J. R. GÓES, "O cativo perfeito..." o. cit., p. 60.

Estes simples dados abrem inúmeras questões sobre a família, o compadrio, o casamento, filhos legítimos e ilegítimos, relação com a Igreja que hoje são trabalhadas por muitos pesquisadores(as).

Poder-se-ia, ainda, perguntar, já num âmbito teológico: (1) Como inculturar-se, como evangelizar a partir do projeto do outro se desconhecemos a sua história e a sua cultura? (2) Como estar aberto para a possibilidade de alteridade? Grandes projetos pastorais muitas vezes não têm força transformadora, não chegam às populações, por estarem distantes da história e da cultura destas mesmas populações. (3) Como elaborar uma teologia que não desconsidere o ser negro em suas reflexões, isto é, que seja capaz de levantar perspectivas teológicas a partir da identidade negra? (4) Como perceber a apropriação da palavra religiosa e dos rituais católicos pelos escravos e escravas de maneira a refazer suas vidas no cativeiro, sem os conhecimentos históricos que podem nos oferecer dados para compreender a religião praticada pelos escravos(as)?

Estas primeiras questões têm uma intenção definida, a de apontar para as complexas relações entre a história e a teologia.

2. CRITÉRIOS HERMENÊUTICOS

Os estudos sobre a escravidão no Brasil tiveram um forte impulso na década de 80, culminando com uma vasta produção no ano de 1988. Na década de 90, continuaram um pouco mais lentamente, mas ganharam densidade qualitativa e analítica.

O capítulo quinto *Viver escravo — diversidade* do livro *A colônia em movimento: Fortuna e Família no cotidiano colonial* de Sheila de Castro Faria ilustra bem o que afirmamos. Numa das resenhas que fiz deste texto, digo que este capítulo é uma verdadeira *summa servitutis* (Pequena suma a respeito da escravidão), uma vez que a autora dialoga com a historiografia recente e mapeia questões de fundamental importância para se avançar nos estudos sobre a sociedade escravocrata brasileira⁸.

8 Cf. S. C. FARIA, o. cit., pp. 289-354.

No ITESP, muito alunos(as) se interessam pelos estudos afro-brasileiros, o que me estimula a sugerir alguns critérios que possam contribuir um pouco nestes estudos.

Fundamentalmente, recolho e amplio estes critérios de um texto de José Roberto Góes, que aprecio muito, intitulado, *O cativo imperfeito. Um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX*. Este pequeno e precioso livro passou despercebido mesmo aos estudiosos. Infelizmente a edição é péssima. O texto pela sua qualidade merece uma redição. Mas vamos aos critérios:

1. Há um considerável valor heurístico na interrogação do passado a partir do presente (Marc Bloch e Lucien Febvre). Mas é necessário evitar a transposição pouco criteriosa das *angústias* de nossa civilização sobre o passado. No livro *Colônia em movimento: Família e fortuna no período colonial*, temos ótimas considerações sobre este ponto, quando no final do texto a autora discute a questão da *vida privada no Brasil colonial*⁹.
2. A história bem escrita é a que se faz com uma adequada *dose de empatia* que permita ao historiador(a) a *calçar os sapatos alheios* na bela expressão de Evandro Cabral de Mello¹⁰. A empatia rompe barreiras ideológicas e psicológicas, encurtando as distâncias. Alfredo Bosi, ao referir-se aos estudos sobre a cultura popular afirma: *o ponto nevrálgico do problema é sempre aquele: só há uma relação válida e fecunda entre o estudioso e a vida popular — a relação amorosa*¹¹.
3. O escravo africano era um estrangeiro (Finley, 1991: 77) em outras palavras: *o ser escravo no Brasil deve ter implicado na vivência de situações radicalmente (e dolorosamente) particulares por parte dos cativos. Esse é um dado elementar, sem cuja adequada consideração, a compreensão de aspectos essenciais da escravidão estará comprometida*¹².
4. Faz-se necessário superar a idéia de que é só na recusa da escravidão que o escravo(a) reencontra a sua humanidade. (Dicotomia escravidão/humanidade). O postulado básico desta visão pode ser assim enunciado: o escravo foi sempre um obstáculo à recriação no tempo de formas fundamentais do cativo¹³. É no mínimo problemático circunscrever a humanidade à resistência, isto seria ignorar o poder dos escravos(as) em produzir a sua própria história.
5. O escravo é um trabalhador, socialmente produzido, daí a questão: como se deu esta produção social do escravo?

9 Cf. S. C. FARIA, o. cit., pp. 385-391.

10 Cf. J. R. GÓES, o. cit., p. 17.

11 Cf. A. BOSI, "A Dialética da Colonização". São Paulo, Cia. das Letras, 1993, p. 335.

12 Cf. J. R. GÓES, o. cit., p. 34.

13 Ibidem, p. 17.

Este é o lugar, analiticamente privilegiado no qual a efetividade histórica do escravo, em suas reais dimensão e complexidade, se deixa revelar.

O postulado agora explicitado é outro: o cativo era uma sociedade que, da mesma forma que as demais, produzia as suas segmentos fundamentais — senhores e escravos — como elementos, à sua recriação no tempo e não como obstáculos. De outra forma aliás não se compreende a duração e estabilidade da escravidão brasileira¹⁴.

14 Ibidem, p. 16.

6. Ter presente que o *Primum mobile* da sociedade escravista colonial era a perpetuação da diferença excludente.
7. Superar certos esquemas lineares de interpretação: Nas palavras de Hebe Maria Mattos, excelente historiadora, que tem brindado os leitores com trabalhos instigantes, como *Das cores do silêncio. Os significados da liberdade no sudeste escravista, séc. XIX*. Hoje muitos trabalhos têm colocado em evidência que para além das antigas dicotomias entre continuidade e ruptura, estratégias sociais e determinações estruturais, o fim da escravidão configura antes, um momento privilegiado para se discutirem as relações entre os pólos¹⁵.
8. Superar nos estudos uma mentalidade evolucionista mais ou menos disfarçada que substitui a investigação dos sentidos que o próprio escravo emprestava às suas ações por uma lamentação de que ele não alcançava o sentido da história tão bem entendido por sociólogos(as) e historiadores(as).
9. Nos estudos sobre a escravidão ir além da abordagem analítica (válida, legítima) e procurar uma abordagem de compreensão.

15 Cf. H. M. MATTOS, o. cit., p. 16.

Estes critérios não são normativos mas alertam para algumas pedras que têm sido causa de muito tropeço nos estudos sobre a sociedade escravista brasileira.

3. 13 DE MAIO

Entre os desafios que a celebração de hoje levanta-nos está o de compreendermos melhor a sociedade em que vivemos. A experiência nos tem mostrado que quanto mais estudamos a sociedade escravista mais percebemos a solidez e a permanência dos fios que unem nosso passado escravista à nossa vida presente. Com esta afirmação não estamos defendendo o pressuposto de que, de um modo e de outro, somente o passado explica o presente mas reafirmando que nossa experiência de colonização teve e tem influências profundas tanto na forma-

ção de nossa identidade como por que não dizer de nossa experiência religiosa.

Francisco Iglesias, importante historiador mineiro que faleceu recentemente, dizia numa entrevista ao *Jornal do Brasil*: *O Brasil tem uma herança muito pesada, que é muito negativa, e que o tolhe muito: a colonização, o nosso passado escravista, latifundiário. Isso marca uma vida não só no Brasil colonial, mas a idéia de colonialismo que persiste até hoje*¹⁶.

16 Cf. F. IGLESIAS, *Democracia no país é uma figura de retórica*. J. B., 18/01/1997, p. 6.

Isto vale não só para o Brasil mas para toda a América Latina, como nos diz o escritor argentino Marcos Aguinis, autor do interessante livro *A saga do marrano*. Ele vai buscar na era colonial as raízes de muitos males típicos dos tempos modernos: autoritarismo, hipocrisia, torturas, discursos duplos e discriminação. Os países latino-americanos apresentavam ou ainda apresentam os mesmos sistemas. Diz Aguinis: *entendi que para mudar nosso presente, o primeiro passo era um bom diagnóstico, saber de onde vinha a doença. Nossa enfermidade vem da era colonial*¹⁷.

17 Cf. M. AGUINIS, "Nossa influência vem da era colonial". JB, 1/03/1997, p. 6.

Daí, a importância de se refazer a *memória* para aprofundarmos a compreensão de nossa identidade e de nossa experiência religiosa. Neste processo, o despertar de nossa consciência histórica é fundamental, pois permitirá reelaborar o passado e recriar uma nova memória que nos ajude a pensar o futuro.

BIBLIOGRAFIA

- AGUINIS, Marcos, "Nossa intolerância vem da era colonial". Em *JORNAL DO BRASIL*, Idéias/Livros, sábado, 01 de março de 1997, p. 6.
- . *A saga do marrano*. São Paulo, Scritta, 1997.
- BOSI, Alfredo. *A Dialética da Colonização*. São Paulo. Companhia das Letras, 1993.
- BRITO, Ênio José da Costa. "Retratos do cotidiano colonial", Em *LUMEN. REVISTA DE ESTUDOS E COMUNICAÇÃO*, vol. 4 (1998, nº 9), p. 129-140.
- . "A escravidão no Brasil: Novas visões interpretativas". Em *DOS ANJOS*, Márcio Fabri (Org.). *Teologia em Mosaico*. Aparecida, Soter/Editora Santuário, 1999.
- . "A efetividade histórica do escravo". Em *LUMEN. REVISTA DE ESTUDOS E COMUNICAÇÃO*, 5 (1999), 10, pp. 149-155.
- FINLEY, Moses. *Escravidão antiga e ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Graal, 1901.
- GOÉS, José Roberto. *O cativo Imperfeito. Um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX*. Vitória, Lineart, 1993.

- IGLESIAS, Francisco. "Democracia no país é uma figura de retórica". Em JORNAL DO BRASIL, Idéias/Livros, sábado, 18 de janeiro de 1997, p. 6.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio. Os significados da liberdade no sudeste escravista, séc. XIX*. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 1995.
- NOGUEIRA, Rui. "Salvador vê ex-votos de emigrantes". Em FOLHA DE SÃO PAULO, quinta feira, 22 de abril de 1999.
- RATTNER, Jair. "Páginas escritas há 500 anos". Em O ESTADO DE SÃO PAULO, CADERNO/CULTURA, domingo, 25 de abril de 1999, p. 2.
- REIS, João José, Flávio dos Santos Gomes. *Liberdade por um fio. História dos quilombos no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.